

MILENA ANDRADE
REPÓRTER

Separada da Vila de Santa Maria Madalena da Alagoas do Sul em 5 de dezembro de 1815, a Vila de Maceió tornou-se cidade em 9 de dezembro de 1839. Como condição determinante para ter se tornado capital do Estado estava a sua característica geográfica de ser um porto natural – Maceió, a cidade aberta.

Aos 199 anos de fundação, a capital de Alagoas abriga mais de um milhão de habitantes e uma série de contraditórios no entender do professor universitário e poeta Fernando Fiúza, que tem no DNA de sua obra a rica relação que tem com a cidade onde nasceu, de onde partiu algumas vezes e para onde retornou sem data para sair.

“Eu gosto muito da definição do Aurélio sobre Maceió. Está lá no dicionário: ‘lagoeiro causado pelas águas das chuvas, dos rios e do mar’. Maceió é um alagadão, é um represamento de águas. É uma cidade muito rica de águas, mas que também pode lhe afogar”, diz.

Ao retornar quase dois séculos, Fiúza lembra que o surgimento de Maceió como cidade e como capital teve duas motivações: o fim de uma era de conflitos no mundo e a abertura para o comércio e chegada de imigrantes. “A cidade foi construída a partir dessa receptividade. Maceió é filha da paz, do comércio”, define.

Para o escritor, esse especializar-se em receber deu à cidade as suas melhores características que lhe tornam única no país. “Maceió é uma cidade aberta, voltada para as coisas de fora. É uma cidade que acolhe muito bem as pessoas e que não está presa à tradição. Acho que por essa leveza que Maceió tem, talvez por ser uma cidade jovem e filha da paz, ela não cobra dos seus habitantes essa visão pesada, de vínculo com o passado”, afirma.

Gazeta. Que olhar você lança sobre quase dois séculos atrás, quando a Vila de Maceió se separou da Vila de Alagoas. O que foi determinante para que isso acontecesse na sua visão?

Fernando Fiúza. Foi determinante uma certa pacificação do mundo, Napoleão tinha sido derrotado. O século 19 foi pacífico, foi o século do comércio também. Não tinha sentido a capital permanecer num lugar isolado, por um motivo militar, escondido, que era a Vila Nossa Senhora Madalena. Era mais vantajoso do ponto de vista econômico, a capital da província ser na beira do mar, no Porto. Maceió é uma cidade que é filha do comércio, da paz. Ela nasceu e transformou-se em capital da província por conta do comércio, do açúcar. Foi bem pragmático, bem português e foi também muito bom que isso tenha acontecido por ser uma cidade que é filha da paz, que nasceu de uma necessidade da circulação de mercadorias e não da defesa,

como é Penedo e Marechal Deodoro, que são cidades feitas a partir de uma mentalidade militar. A cidade foi construída a partir dessa receptividade.

A capital, ‘filha da paz’, hoje é mãe do quê? O que essa cidade pariu?

Essa cidade hoje é uma das mais violentas do mundo. Existe uma explicação. É uma cidade que virou um grande bolsão do Estado, que foi perdendo o emprego da agricultura, sobretudo da indústria canavieira. Isso gerou um caldo muito propício à violência. Tem a questão do tráfico também. Nós temos uma visibilidade de violência que remonta há muito tempo. Houve uma visibilidade de violência. O alagoano, o maceioense não é mais violento que o nordestino em geral. O que noto hoje em dia é que essas mortes por vingança, por honra, sobretudo na elite e classe média diminuíram bastante. Neste aspecto, acho que em Maceió a bala tem endereço, não tem bala perdida. Jorge de Lima saiu daqui por conta de um atentado que ele sofreu na Rua do Sol.

O que a cidade Maceió tem de mais singular?

Maceió tem uma característica que me apraz muito – não é uma cidade que seja presa ao passado, que reivindique excessivamente a tradição, como Recife. A tradição tem um lado bom, mas ela tem um lado de amarras, de você sempre ter que sujeitar e reverenciar o passado. Maceió é uma cidade aberta, voltada para as coisas de fora. O exemplo mais fácil é comparar Alceu Valença com Djavan. Djavan é um músico muito mais moderno, mais internacional, mais aberto. Enquanto que Alceu Valença reverencia muito o passado. Acho que essa leveza que Maceió tem, talvez por ser uma cidade jovem e filha da paz, ela não cobre dos seus habitantes essa visão pesada, de vínculo com o passado. É uma cidade que acolhe muito bem as pessoas e acho que deve muito às pessoas de fora, aos alagoanos. Ela não tratou mal, não trata mal a pessoa que vem pra cá abrir seu negócio, trabalhar. Tem a questão da determinação da natureza, a cor do mar daqui você não encontra em lugar nenhum. O mar não é só o banho, é uma presença visual, é a linha do horizonte.

No poema Maceióta, você diz que a cidade deixou para trás sua natureza de menina acanhada e tornou-se ‘cartão descredita-da’. O que aconteceu?

Esse poema eu fiz logo que voltei pra Maceió em 2001 e quando constatei as mudanças que a cidade sofreu desde a minha infância até aquele ano, em vinte anos. É um poema feito em cima de como era e como virou. Quando eu era criança, o centro comercial era o Centro de Maceió, as lojas, os consultórios médicos, os escritórios. Quando voltei, isso não existia mais, era o shopping center, todos os carros com o vidro fumê. Você

não encontra mais as pessoas. Fisicamente é uma cidade que separou muito as pessoas. Tem cidades, como o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, onde a rua existe ainda. Você sai à rua, existe uma vida a pé. Maceió não tem mais vida a pé. É muito ingrato você sair e caminhar em calçadas desniveladas, não tem árvores, é uma cidade muito perversa nesse sentido porque é feita para quem anda de carro. Isso vai distanciando as pessoas.

O que essa ausência de locais de convivência na rua gera na cidade?

Isso tem consequências nefastas. É ruim para a cidade, para as pessoas e à cultura. Acho que a cultura se faz dessa troca, o convívio é lugar de troca de conversas, de informações, de afeto. É uma cidade que ficou sem esses lugares de convivência. Por exemplo, a Praça Deodoro foi um lugar de agregação da cidade, de vários tipos de pessoas, na década de 30, 40, 50. Mulheres jovens que iam passear, intelectuais que iam conversar em frente ao teatro. Várias tribos frequentavam a praça. Não temos mais esses lugares de convivência. A cidade perdeu o eixo, o centro de gravidade que era o Centro até a década de 70. Maceió nasceu por conta do Porto, mas se fez urbanisticamente em função da lagoa. O Centro é mais perto da lagoa, o bairro de Bebedouro, a Levada, o Vergel do Lago. É uma cidade voltada para a lagoa. Só que a partir da década de 80, o Centro perde esse papel de foco irradiador, as famílias se mudam para a praia e perdeu o lugar de concentração social, ficou fragmentada. A cidade passou a girar em torno de shoppings e de praias que ninguém vai.

Você morou no Rio de Janeiro, Recife e na França. O que o trouxe de volta e o que te mantém aqui?

Eu precisei ir pra França pra fazer as pazes com Maceió. Gostei muito de morar numa cidade pequena como Grenoble. Mas tomei uma decisão de voltar para o Brasil. Tinha esperança de ser mais útil aqui com o que aprendi lá. Quando voltei, decidi que não queria mais sair daqui, que queria fazer a minha vida aqui. Tem uma coisa que me ajudou muito a viver relativamente bem aqui que foi um conselho do fotógrafo Celso Brandão, que me disse “construa uma Maceió pra você, não espere muito da cidade, não peça de Maceió aquilo que ela não pode lhe dar”. O que vejo muito das pessoas que moram aqui é uma frustração porque elas querem coisas que a cidade não pode dar. Eu não posso ter a expectativa de ter 30 peças de teatro ao meu dispor e não vou ficar me amargurando com isso ou com livrarias, número de cinemas. Aprendi a lidar com Maceió. Eu construí uma cidade pra mim.

O que tem de bom na Maceió que você construiu para si?

Essa cidade que vai da Avenida Gustavo

Paiva até o Centro é um dos lugares mais agradáveis de morar no Brasil em termos de serviços, conforto, de ar. Existe uma afetividade muito grande das pessoas. O maceioense é muito amoroso, existe um conforto afetivo que não sinto em outra cidade. Aqui você pode estar livre de muitas mazelas que existem em outras cidades, como engarrafamentos gigantescos.

Do que Maceió precisa hoje?

Precisa de educação e civilidade de seus habitantes. Faltam boas calçadas para as pessoas andarem a pé, precisa de ciclovias, de mais árvores nas ruas. Do ponto de vista cultural, vou fugir do lugar comum, acho que a cultura não precisa esperar ações do Estado para existir, precisa se viabilizar por conta própria seja lá que maneira for. Se o Estado apoiar, ótimo, mas se deixar de apoiar você não pode ficar chorando pitangas. A cultura é uma força interior individual e coletiva que deve existir sem as muletas do estado.

O romance Ninho de Cobras, de Ledo Ivo, é apontado como o mais maceioense dos livros. O que existe ainda da cidade e de seus personagens na capital?

Ledo Ivo escreveu o grande romance sobre Maceió. *Ninho de Cobras* é o grande livro maceioense. É uma Maceió que não existe mais – o cemitério, a Levada, a região central, a portuária. Existe, mas não daquele jeito, é um livro do século passado, mas que tem coisas essenciais da medula do maceioense que não se perdeu – as farras que não têm hora pra acabar, os excessos de comidas regionais, o lado meio orgiástico do maceioense, a violência. Orgia e violência, dois polos que são opostos, mas estão intimamente ligados, quem leu Freud sabe disso – a alegria está muito próxima do sofrimento. A América Latina é o continente mais violento e mais feliz do mundo. São extremos que fazem parte do maceioense, a violência, um hedonismo exacerbado e um deslumbramento com o estrangeiro.

Onde a antiga Maceió ainda pode ser vista?

Prado, Levada, Trapiche são uma parte da cidade que está preservada. A decadência tem uma coisa positiva, por exemplo, Penedo só se preservou porque tornou-se decadente economicamente. Se ela tivesse se tornado um polo, como é Arapiraca teria se destruído, todo aquele casario teria desaparecido. Foi a decadência que salvou Penedo. O comércio, o casario da Ponta Grossa sobreviveram. É onde você encontra Maceió do passado é nessa região.

Se você fosse escrever um cartão de aniversário para a cidade, que dedicatória seria?

Maceió, mãe, sereia querida, deseje-lhe muitos leves e alegres anos de vida, a flutuar soberana sobre desenganos e desmedidas. ☺

ANIVERSÁRIO DA CAPITAL Poeta e professor universitário, Fernando Fiúza diz que a cidade comemora 199 anos receptiva a novidades

“Livre das amarras da tradição, Maceió é filha da paz”

FERNANDO FIÚZA

POETA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

“Maceió é uma cidade aberta, voltada para as coisas de fora. É uma cidade que acolhe muito bem as pessoas e que não está presa à tradição. Acho que por essa leveza que Maceió tem, talvez por ser uma cidade jovem e filha da paz, ela não cobra dos seus habitantes essa visão pesada, de vínculo com o passado”